

04-08-2020

Afinal, o que é turismo? Ideias para cuidado e educação em tempos de abandono! (I)

Thiago Sebastiano de Melo

[Docente no CET - Universidade de Brasília.
Membro da Coordenação Executiva do Comitê Goiano
de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino]

Por isso cuidado meu bem

Há perigo na esquina

Eles venceram e o sinal

Está fechado pra nós

[\(Belchior\)](#)

Já havia dado o título deste texto quando fui surpreendido com o artigo de Rossel Lyra Desmond para esta mesma *Coluna Opinião*. Vinha afetado pelo programa do Gregório Duvivier (GREGNEWS) sobre cuidado, que recomendo muitíssimo! Aos cuidados, Gregório não opõem descuido, como seria de se supor. Apresenta o abandono! Cuidado e abandono parecem ser lentes pertinentes para ler o Brasil atual. Outra lente igualmente precisa, e que talvez tenha o foco ajustado por aquelas duas, é o turismo, como já indicou o professor Eguimar Felício Chaveiro. E poucas expressões fenomênicas do atual modelo de organização social são tão reveladoras do abandono com o cuidado coletivo quanto o turismo. Não à toa que no programa do Gregório o abandono do cuidado com o coletivo seja revelado num equipamento turístico e, portanto, por turistas: sujeitos num bar do Leblon.

O próprio governo federal já simbolizou como o turismo representa um marco de seu abandono ao projeto de um país minimamente cuidadoso com sua população, quando pôs sob a égide deste Ministério os Ministérios da Cultura e do Esporte! Mas, como já alertou Desmond, dizer que o presidente e sua equipe abandonaram o país é um eufemismo que não dimensiona os mínimos efeitos de sua política genocida. Basta dizer que na semana em que a Covid-19 ultrapassou, no Brasil, o número de mortes provocadas pela bomba de Hiroshima, o governo reabriu as fronteiras aéreas para chegada de turistas. Porque nos abandonaram, deixaram de nos cuidar, é preciso escutar Belchior: tenhamos cuidado! Não podemos aceitar o abandono. E nos cuidar agora é se erigir contra quem relega a população ao limite da luta pela vida! E, ironicamente, quem mais corre risco de morte é também quem mais cuida do coletivo.

Disseram que na sociedade de serviços as pessoas se cuidariam mais. Não, as pessoas têm buscado mais cuidados, o que não significa se cuidar.

Haveria condições de que nessa nascente sociedade de serviços os empregos não fossem precarizados, mas abandonamos há tempos a ideia de justiça social.

Quem abandonou? O turismo é um conglomerado de serviços. Sua cadeia produtiva é composta por diferentes serviços, muitos dos quais de usufruto regular de grande parte das pessoas que consomem além do mínimo para sobreviver - que, em verdade, são milhões de seres humanos, mas já não cuidamos disso há muito tempo. Nós quem?

Os sujeitos que estavam no bar do Leblon eram turistas? Quem vai ao cinema é turista?

Quem vai ao restaurante é turista?

Quem aluga um carro é turista?

Quem se hospeda em um hotel é turista?

Quem vai ao parque de diversões é turista?

Quem vai ao museu é turista? Quando deixamos de ser humano para ser turista? Um dos trabalhos mais referenciados internacionalmente sobre o turismo (o livro *O olhar do turista*, de John Urry) diz que a nova condição do sujeito contemporâneo é ser turista.

Me parece que a figura do Turista vai pouco a pouco se constituindo como um arquétipo do sujeito desse momento histórico. Pensar, coletivamente, sobre o que é turismo e quem é turista é um desafio atual que a educação, formal e informal, precisa encarar.

E isso transborda a teorização, ainda que passe por ela. Em que medida o turismo sintetiza o antagonismo capital-trabalho e o Turista a sociabilidade capitalista? Ampliar as conversas sobre tais interrogações se mostra de extrema relevância na atual batalha das ideias. Educar pelo turismo, no sentido de não abandonar a sociedade aos seus próprios cuidados (que em verdade significa deixá-la aos imperativos do capital transnacional), é educar por Paulo Freire, educar por Florestan Fernandes.

Ou seja, é educar para a emancipação social.

Sendo o turismo um pilar central da reorganização produtiva do capitalismo, nos textos seguintes, quero anotar breves apontamentos sobre a realidade de cada serviço que compõem sua cadeia produtiva, para podermos conversar sobre a realidade dos empregos no turismo; sobre quem faz turismo; sobre o que é turismo; sobre como o turismo tem sido pensado como política pública no país do abandono!

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.